

SOCIOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Danielle Perin Rocha Pitta
Coordenadora do Centro de Pesquisas
Sobre o Imaginário do IJNPS

Antes, muito antes do homem adquirir capacidade para criar conceitos principalmente em relação a sensações, ele criou imagens simbólicas permitindo-lhes estruturar uma mitologia onde monstros e bruxas representavam seus medos e seus desejos. Esta mitologia encontrou expressão através dos ritos e das artes, expressão esta conseqüente do drama coletivo, mas interpretado e reestruturado pelo drama individual do criador.

A função imaginária seria uma função do psiquismo que inclui atividades diversas como: uma modificação da percepção da realidade e criação de um sistema de referências dando um novo sentido, simbólico, à imagem. (Yves Durand in *Circé I*).

Essa função tem tido expressão intensa na propaganda e na informação.

A imagem tem ganho um lugar cada vez mais importante na expressão humana, sendo que atualmente ela é soberana. Porém, a imagem não se transmite somente sob forma visual, pois temos ainda a imagem poética, a imagem musical, estas tendo ainda várias formas de apresentação seja na dança, no teatro, no cinema, etc.

E além destas imagens, ainda existe a interior, não exprimida, que toma forma nos sonhos de cada um; imagens ou oníricas ou criadas conscientemente, entretidas e alimentadas dia a dia.

Vemos, então, como a imagem é inseparável de toda atividade da psique humana. No entanto, pouco foram estudadas, a não ser com finalidade publicitária.

Somente com Freud, as imagens, pelo menos as oníricas, começaram a despertar interesse e a merecer uma consideração maior, sendo-lhes reconhecida uma função definitiva na vida psíquica. O fundamento essencial da psicanálise freudiana baseia-se na existência de um inconsciente psíquico. Para Freud, o inconsciente compõe-se de elementos reprimidos do consciente, ou ainda, o inconsciente seria constituído pela vivência pessoal reprimida. Esta repressão se faz através das exigências externas que o indivíduo assimila desde os primeiros anos de vida, exigências morais de família, do meio social, que se opõem às exigências instintivas regidas pelo princípio do prazer. Freud ainda reagrupa os conteúdos inconscientes a um eixo essencial: o instinto sexual. Este instinto é um dado fundamental do inconsciente, já que, desde o despertar, a criança o reprime em razão dos numerosos tabus do mundo circundante.

Foram necessários os estudos de Jung, tentando aprofundar o conhecimento do inconsciente, para que a imagem e a imaginação tivessem reconhecida sua importância fundamental. A contribuição do trabalho de Jung foi a de ter acrescentado à teoria de Freud a noção de inconsciente coletivo. Para Jung, a estrutura mental compõe-se de três entidades: o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Este inconsciente coletivo seria o conjunto das semelhanças (tendências lógicas, modos de reação do indivíduo face ao meio, grandes linhas de interpretação mental) características da natureza humana na sua forma elementar, incluindo a idéia da existência da hereditariedade das aquisições psicológicas. Nas camadas mais profundas e de difícil acesso, o homem guardaria um inconsciente arcaico, cujos temas são comuns à humanidade inteira. Este inconsciente coletivo é estruturado por arquétipos, estando estes na base da formação de imagens. "A imagem, para Jung, é uma expressão concentrada da situação psíquica global, e a imagem primordial ou arquetípica é a que tem um caráter arcaico, ou seja, que apresenta uma concordância notória com temas mitológicos conhecidos. O aparecimento de imagens primordiais indica que a consciência no seu estado momentâneo está mais submissa a uma influência coletiva". (C.G. Jung. "Types Psychologicals" — 1950).

O arquétipo "é sempre comum, no mínimo, a todo um povo ou a toda uma época". (Jung, 1950). A imagem primordial seria, pois, consequência do meio ambiente, da estrutura humana e da sua história; seria também a matriz das idéias: o sentimento torna-se difícil de ser expresso por uma idéia por encontrar-se no inconsciente; aparece então a imagem primordial ou arquétipo, sob forma de símbolo, permitindo a passagem do sentimento à idéia.

Foram pois as teses de Jung que determinaram a possibilidade de um estudo das estruturas antropológicas do imaginário, marcando uma nova orientação nas ciências humanas. Assim, Piaget, apesar de severas críticas aos trabalhos de Jung, não deixa de levar em consideração os novos elemen-

tos por ele trazidos, apontando a coerência funcional do pensamento simbólico e do sentido conceitual. "Desta forma, poderíamos falar não de acesso simbólico ao universo, mas de construção simbólica do universo, pois desta maneira o homem cria o mundo. O universo simbólico, porém, não é uma fuga do universo real: é o mesmo universo transfigurado na elaboração que sofreu, mas real. As imagens exprimem, em sua linguagem, o motivo inicial do inconsciente e se ajustam ao arquétipo como o desenho se ajusta ao modelo. A imagem arquetipal é o arquétipo em situação desenvolvida pela imaginação e que retira da experiência exterior as formas de sua manifestação.

Também Bachelard (1884 — 1962), muito influenciado por Jung e pelas leituras de Lautreamont, passou de estudos de uma filosofia científica a uma psicanálise intuitiva no campo da imaginação, do onirismo e da fantasia. Sua obra tentou afirmar os poderes reveladores da poesia. Entre seus trabalhos encontram-se "A poética do espaço", "A poética do devaneio", "A psicanálise do fogo", "A água e o sonho". Bachelard vê a imaginação como um mecanismo organizador permitindo uma grande homogeneidade na representação.

Partindo destas bases e apoiando-se nas determinações da reflexologia, o sociólogo Gilbert Durand, no seu desejo de classificar e reagrupar as imagens, descobriu que estas se reagrupam em torno de arquétipos constantes e universais. Os arquétipos do imaginário seriam pois, universais, enquanto as Imagens, exprimindo uma forma dada de sensações, seriam culturalmente variáveis, mas teriam identidade suficiente para serem reconhecidas como pertencendo ao mesmo grupo de representações mentais. Escolheu pois, para o estudo do imaginário", o trajeto antropológico, isto é, o constante intercâmbio existente ao nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras, e as intimações objetivas, providas do meio cósmico e social" . . . "o símbolo seria sempre o produto dos imperativos bio-psíquicos provenientes das intimações do meio". (Durand, 1960).

Na sua classificação, Gilbert Durant, de início distingue dois regimes: O regime diurno da Imagem e o regime noturno da Imagem.

O regime diurno relacionado, na reflexologia, com a dominante postural, é considerado o regime da antístete, polêmico; ele inclui os símbolos "theriomorphes" (ou simbolismo animal), os símbolos "nyctomorphes" (símbolos das trevas e dos ruídos), os símbolos "catamorphes" (imagens dinâmicas da queda), esses todos relacionados com os aspectos do tempo. E ainda, relacionados com a espada: os símbolos ascensionais ("Scheme" da elevação e símbolos verticalizantes), símbolos espetaculares (opostos à queda, de ascensão), símbolos "diarétiqes" (armas cortantes, que dividem entre o bem e o mal). O regime diurno corresponde a estrutura heróica do Imaginário.

O regime noturno, baseado na reflexologia, na dominante da deglutição, é considerado o regime da conversão e do eufemismo. Nele o abismo se transforma em taça e a queda em descida. Neste regime encontram-se os símbolos de inversão, de intimidade, trazendo a imagem do refúgio sob todas as suas formas — corresponde à estrutura mística do Imaginário.

Também neste regime vêm incluídos os símbolos cíclicos, ligados na reflexologia, na dominante ritmica sexual, que são a expressão de respostas sintéticas (ligadas ao mito do progresso e aos estilos da história).

Depois dessa classificação fundamental, Gilbert Durand propõe “Elementos para uma fantástica transcendental”, onde ele trata novamente da Universalidade dos arquétipos, da problemática do espaço “forma a priori da fantástica” e do “schematismo transcendental do eufemismo”.

“O princípio constitutivo da imaginação consiste pois em representar, figurar, simbolizar as imagens do tempo e da morte”. O desejo fundamental do homem seria o de reduzir a angústia existencial ligada a todas estas experiências negativas. No entanto, como vimos, a redução da angústia existencial não se efetua de maneira unívoca e desordenada. É possível traçar uma classificação dos conteúdos imaginários em três grupos, ou seja: estruturas heróicas, místicas e sintéticas. As estruturas imaginárias seriam o testemunho de modos psico-sociológicos de equilíbrio psíquico: face ao problema existencial do tempo e da morte, o homem utiliza mecanismos de defesa tanto em nível individual quanto em nível coletivo (comunicação, arte, religião, mitos, etc.).

Neste sentido, os arquétipos ligados à dinâmica das estruturas do imaginário dividiriam-se em três categorias:

— Arquétipos relacionados com o problema da angústia fundamental e da morte, representados por exemplo através da queda e do monstro devorante.

— Arquétipos destinados a propiciar uma maneira de redução da angústia, simbolizadas pela espada, o refúgio e qualquer coisa cíclica.

— Arquétipos de complemento: a personagem (permitindo ao sujeito projetar-se), a água, o animal e o fogo,

Será a partir de uma análise do modo de utilização destes arquétipos que poderemos então falar em estrutura imaginária do tipo heróica, mística, estruturas estas variáveis quanto ao modo de atuação do meio social no indivíduo e o modo de assimilação, incorporação e adaptação deste meio pelo indivíduo.

Esta mesma teoria de interação do meio sobre o indivíduo e vice-versa foi defendida por Roger Bastide em **Sociologia e Psicanálise** em que afirma que "o sistema projetivo da libido não é uma pura criação individual ou mitologia pessoal". É sempre este encontro do individual com o social que permite a formação de imagens. Propondo uma sociologia do sonho, Bastide cita a seguinte tese baseada em Freud: "a libido chega a transpor hipocritamente as barreiras levantadas pela sociedade; ela se esconde, para isso, atrás de símbolos. Mas estes símbolos não são conseqüentes da fantasia individual: eles são fornecidos pela coletividade, pelas velhas magias, pelas mitologias antigas, pelos cultos que poderíamos acreditar mortos para sempre; na realidade, existe um inconsciente coletivo no homem, e o sonho é uma exploração destas trevas acumuladas em nós durante milênios, uma descida entre as formas de pensamento contemporâneas das mais primitivas sociedades", dizendo que, se esta tese fosse estabelecida, uma verdadeira sociologia do sonho seria criada, mas acredita que seja impossível estabelecê-la.

"Podemos observar, do mesmo modo, que a incorporação e assimilação de determinadas normas e esquemas sociais adotadas quer como religião ou culto, é um fenômeno claramente dependente da situação sócio-cultural, assim como do caráter motivacional da conduta (papéis, funções).

"Desta categoria, por exemplo, participam as funções sócio-culturais e psicológicas dos grupos de culto Afro-Brasileiro. Estes grupos não constituem somente unidades particulares de convivência dentro de nossa sociedade mais ampla, mas atuam como vetores de um sistema de valores e padrões culturais de algum modo diverso daqueles vigentes em outros grupos sociais. Eles parecem oferecer aos seus membros um sistema de crença e um novo tipo de relações inter-pessoais que pode ser considerado como extremamente favorável à redução da tensão, um mecanismo compensatório. Indivíduos cujo status e papéis ou funções na sociedade larga não lhes oferecem uma oportunidade para realização pessoal ou para o compromisso entre as realidades da vida cotidiana e seus modelos ideais (imagens ideais)". (Roger Bastide).

Metodologia

Diante do interesse despertado por tal problemática, foi fundado em Chambery, na França, um Centro de Pesquisa sobre o Imaginário, reunindo estudos dispersos relacionados com a Imagem, o Símbolo, o Mito.

Dado que os instrumentos de abordagem da problemática são variados e numerosos, o Centro de Pesquisa determinou, a título de sistematização, uma trílice direção de pesquisa denominada por Gilbert Durand de "mecanicista", "fisiologista" e "psicológica".

Para cada uma dessas direções foi criado um Departamento de pesquisa, ou seja:

— Departamento de Investigações Psico-sociológicas. Neste departamento são empregados os métodos de psicologia experimental e clínica, assim como de investigação psiquiátrica.

Também são empregados os resultados das experiências psico-farmacodinâmicas.

Como exemplo de metodologia de psicologia podemos citar o importante trabalho de Yves Durand: criou ele um teste baseado nas estruturas do Imaginário, pedindo que se faça um desenho com 9 arquétipos fundamentais, obtendo desse modo a imagem da resposta do indivíduo à sua angústia existencial. O teste permite uma classificação do Imaginário individual nas três grandes estruturas definidas por Gilbert Durand. Dessa forma, é possível estudar a dinâmica do Imaginário através deste modelo formal que possibilita uma visão das motivações existenciais as mais profundas.

Outros métodos empregados frutuosamente são os do "sonho acordado" e da "imagerie mentale" aperfeiçoada por A. Virel e R. Frétygny, que são utilizados em pesquisa psicológica pura, seja como finalidade terapêutica, ou "como meio de restaurar a criatividade do indivíduo". Trata-se de deixar a pessoa de olhos fechados e estado de relaxamento (estado hyponeide), para que oralmente descreva suas produções imaginárias na medida em que o sonho progride.

Os métodos empregados são pois variados e ricos em possibilidade. Diz Gilbert Durand: "Nestes setores, médicos, fisiologistas e psiquiatras, psicólogos e sociólogos devem colaborar estreitamente para acentuar os fatores "mecânicos" da imagem, sobre o que permite atingir, ou modificar a imagem e seus regimes por ambientes psico-químicos, psico-culturais, sociais. Eles situam suas pesquisas no nível do que poderíamos chamar "da engrenagem do Imaginário" sobre a "incorporação" do indivíduo biológico e psíquico nas diferentes instâncias alimentares, dietéticas, ecológicas, mentais, relacionais, sociais etc. — que condicionam o comportamento e a conservação do indivíduo" (Circé nº 1. 1969).

— O Departamento de Estética e de Poética. Os métodos utilizados por este Departamento são mais familiares ao pesquisador social; trata-se de:

- análises literárias
- análises biográficas
- estudos de literatura comparada
- estudos de temática.

“Nestes setores “poéticos”, acentua-se a gênese e o funcionamento interno dos regimes, das constelações e das estruturas da imagem. As diversas críticas, a história das literaturas, a estilística, a lingüística, situam-se neste trajeto, às vezes fulgurante, que liga o surgimento da imagem à sua expressão. Os estudos de temática são parte privilegiada do que poderíamos chamar esta “fisiologia” do Imaginário onde se designam os grandes órgãos funcionais, estruturais e arquetípicos, da Imaginação” (Circé nº 1 – 1969).

O Departamento de Escatologia (sentido teológico) e Ética compreende:

- Pesquisas etnográficas
- Pesquisas etnológicas
- Pesquisas lingüísticas

“Elas (as pesquisas) abordam o plano delicado da finalidade da Imagem e do sentido Imaginário em geral. Elas constituem o que poderíamos chamar – por paralelismo com as metáforas “mecânica” e “fisiologia” utilizadas, – e se esta apelação não fosse irrisoriamente contraditória –, uma psicologia racional”. Digamos para esclarecer as palavras desta expressão toda cheia de odores da filosofia ocidental, uma “psicologia imaginal” ou “visionária”, tendo por missão determinar a consistência ontológica ou mais modestamente, “antropológica”, das grandes imagens nos mitos e narrações ou rituais constitutivos das principais ideologias”. (Circé nº 1 – 1969).

Levando em consideração a estrutura básica da mente humana, diretamente ligada à sua natureza fisiológica (como nos é sugerido pelo estudo da reflexologia) assim como a estrutura idêntica de grandes teorias em campos tão diversas como a física, a filosofia, lingüística etc., observa-se que a formação das imagens depende da interação desta estrutura básica com o meio físico e cultural que envolve o indivíduo.

Uma sociologia que levasse em conta as estruturas do Imaginário, além dos dados tradicionalmente estudados, atingiria um nível de compreensão de profundidade incomparável. Por outro lado, este nível de compreensão atingido, serviria de base para uma nova orientação da filosofia e da educação; tarefa que, certamente, a sociologia vem cumprindo, porém às vezes, num nível de superficialidade (sendo enganada por seu próprio discurso) que resulta num simples desenvolvimento do statu-quo. Temos consciência, por exemplo, de que existem, em nossa sociedade, uma grande quantidade de normas contraditórias; que estas contradições geram conflitos que dia a dia se avolumam; no entanto a sociologia pouco tem feito para modificar a situação, na medida em que, apesar de perceber as contradições, não têm possibilidade de propor novas normas, não podendo distanciar-se suficientemente de si mesma para criá-las.

Não queremos, obviamente, formular uma acusação à sociologia, pois estamos cientes de inúmeros estudos penetrantes como por exemplo os de Roger Bastide, Gilberto Freyre, e tantos outros; porém acreditamos que o conhecimento mais aprofundado proporcionado pelo estudo do Imaginário permitirá, desvendando uma estrutura fundamental, que se faça o distanciamento necessário à criação de novas normas.

Acreditamos que seja indispensável para a compreensão de um fato social, o conhecimento da imagem que a sociedade faz de si mesma, único conhecimento que permitirá a percepção das diversas orientações fundamentais de uma cultura e, em conseqüência, o tipo de atos que poderá ou não ser escolhido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. *Le rêve, la transe et la folie*. Paris, Flammarion, 1972.
- _____. *Sociologie et Psychanalyse*. Paris, PUF, 1950.
- CAHIERS DU CENTRE DE RECHERCHE SUR L'IMAGINAIRE. Paris, Minard, 1969.
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, PUF, 1969.
- JUNG, C.G. *Types psychologiques*. Genève, Georg e Cie. 1968.